

# O protecionismo de cara nova

Por **Stéphane Garelli**

**Valor Econômico, 11.3.2013**

**Estatais garantidas pelo país são uma nova forma de protecionismo: significa financiar empresas nacionais com dinheiro do governo para ajudá-las a serem bem-sucedidas no exterior. Na China, 21 das 22 maiores empresas têm laços financeiros com o Estado.**

É clássico: durante cada recessão - e esta é minha quinta - ressurge o protecionismo. Após quatro anos de crise econômica, os níveis de desemprego estão críticos nos EUA (7,7%) e Europa (11,7%), forçando, obviamente, os governos a protegerem suas estatais e seus empregos, principalmente quem visa à reeleição.

Sendo assim, se o protecionismo voltou, ele está muito mais sutil do que no passado!

Já se foram os dias em que os governos aplicavam barreiras tarifárias (hoje inaceitáveis para a Organização Mundial do Comércio) ou impunham medidas brutas para conter e limitar a entrada de certas mercadorias concorrentes no país (como os franceses fizeram com os videogames japoneses nos anos 90). Hoje, medidas protecionistas focam normas de poluição, exigências na área da saúde, normas de segurança, entre outros pontos. Além disso, campanhas como "compre produtos nacionais" ou incentivos para "forçar cooperações" com empresas locais integram uma ampla gama de medidas disponíveis para empresas invariavelmente assustadas com a situação econômica. A cara é nova, mas a situação continua a mesma.

Em 2012, um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) indicou que o Brasil atingiu recorde na adoção de medidas protecionistas em todo o mundo. A questão foi discutida com líderes do G-20, grupo das principais economias avançadas e emergentes do planeta, como alerta de quais países não estavam cumprindo a promessa de não estabelecer barreiras comerciais diante da crise econômica internacional.

Os dados da ONU, Organização Mundial do Comércio (OMC) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apontaram que o Brasil foi o país que mais adotou medidas protecionistas, criando 17 no total. As medidas do governo de incentivo à indústria nacional também foram levantadas na época como incômodo para outros países, como os Estados Unidos e países da Europa Ocidental.

No mesmo ano, o governo brasileiro ainda foi criticado pelo governo americano sobre suas políticas comerciais, sendo acusado de possuir barreiras inviáveis e inconsistentes com os compromissos que o país havia assumido.

No entanto, talvez seja mais apropriado falar do "nacionalismo econômico". Muitos países emergentes tem visado expandir e globalizar suas maiores estatais; assim passam a contar com uma grande reserva de dinheiro. A China agora tem cerca de US\$ 3 trilhões de reserva em moeda estrangeira, a Rússia, US\$ 530 bilhões, enquanto o Brasil possui quase US\$ 380 bilhões, valor que põe o país entre os com maior volume de moeda estrangeira para fazer frente a crises

cambiais. O volume também supera em mais de 20% o valor da dívida externa brasileira.

Uma quantidade de dinheiro considerável é canalizada às estatais por meio de fundos de riqueza soberana: o Abu Dhabi Investment Authority (Adia), administra US\$ 624 bilhões; o State Administration of Foreign Exchange (Safe), da China, controla US\$ 567 bilhões; e o National Welfare Fund, da Rússia, tem US\$ 149 bilhões. "Empresas estatais garantidas pelo país" são uma nova forma de protecionismo: significa financiar empresas nacionais com dinheiro do governo para ajudá-las a serem bem-sucedidas no exterior.

Na China, 21 das 22 maiores empresas têm laços financeiros com o Estado. Enquanto isso, o mercado interno onde essas empresas operam torna-se cada vez mais difícil de penetrar.

A explosão de marcas globais provenientes de mercados emergentes e seu impacto sobre a competitividade mundial forçou uma reação das "economias desenvolvidas". A reindustrialização tornou-se palavra-chave, e com razão: nos últimos 20 anos, a participação da indústria em percentagem do PIB caiu de 16% para 11,2% nos EUA, e de 17,7% para 11,4% no Reino Unido. A participação da manufatura mundial da maioria dos países industrializados caiu 20%, com exceção na Alemanha. A repatriação, ou seja, o retorno de pelo menos um pouco da capacidade de produção para seu país de origem, está cada vez mais em voga.

A General Electric trouxe de volta, da China, a produção de alguns aparelhos domésticos para Louisville, Kentucky. A Apple e a Hewlett Packard também planejam investir novamente na fabricação nos EUA.

A tensão entre o nacionalismo econômico nas economias emergentes e a reindustrialização nas desenvolvidas vai definir a competitividade mundial nos próximos anos, e o protecionismo será uma solução tentadora para essas pressões. Alguns governos vão até usar a ameaça da nacionalização para alcançar seus objetivos, como podemos ver pela ação do ministro francês, Arnaud Montebourg, contra a Mittal (porém, essa ação teria custado mais de US\$ 1 bilhão para a França, e por isso a administração pôs o pé no freio...).

Por fim, a maioria dos governos terá que ter muito cuidado: o protecionismo é uma faca de dois gumes, que pode se voltar contra seu dono, mesmo que de cara nova...

**Stéphane Garelli é professor do IMD -Institute for Management Development e diretor do Centro de Competitividade.**